

Estudo da organização informacional do gênero entrevista sociolinguística

(Study of informational organization of genre sociolinguistic interview)

Gustavo Ximenes Cunha¹

¹Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA) – Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG)

ximenescunha@yahoo.com.br

Abstract: This paper aims to study the informational continuity and progression in two narrative sequences extracted from a sociolinguistic interview. This study conducted the mapping of referential chain of sequences in order to understand the management of referents, as well as the linguistic clues (pronouns and nominal expressions) that signal the management. Following the method proposed by Modular Approach for Discourse Analysis, the study found that the progressions occur within each episode of the sequences even when there is distant discursive concatenation.

Keywords: referential chain; narrative sequence; modularity.

Resumo: O objetivo deste trabalho é estudar a continuidade e a progressão informacionais em duas sequências narrativas extraídas de uma entrevista sociolinguística. Esse estudo implicou o mapeamento da cadeia referencial das sequências, na busca por compreender a gestão dos referentes, bem como quais são as marcas linguísticas (pronomes e expressões nominais) que sinalizam essa gestão. Seguindo o método proposto pelo Modelo de Análise Modular do Discurso, o estudo constatou que os encadeamentos no interior de cada episódio das sequências são bastante locais, ainda quando há encadeamentos à distância.

Palavras-chave: cadeia referencial; sequência narrativa; modularidade.

Este artigo estuda o modo como ocorrem a continuidade e a progressão informacionais em duas sequências narrativas extraídas de uma entrevista sociolinguística, que integra o *corpus* do “Projeto Mineirês” (RAMOS, 2007). Esse estudo implicou a análise da cadeia referencial das sequências, a fim de compreender como a sua produtora, uma belo-horizontina de 54 anos com formação superior, faz a gestão dos referentes, introduzindo-os, preservando-os, modificando-os e reintroduzindo-os no discurso, bem como quais são as marcas linguísticas (pronomes e expressões nominais) que sinalizam essas diferentes ações.

O estudo foi feito com base na perspectiva teórica e metodológica do Modelo de Análise Modular do Discurso (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001). Seguindo o método proposto por esse modelo, a análise se desenvolveu em três etapas. Na primeira, identificaram-se duas sequências narrativas no turno selecionado. Em seguida, na segunda etapa, analisou-se a forma como é feita a construção da cadeia referencial nas duas sequências. Por fim, os estudos realizados nas duas primeiras etapas foram combinados, na busca por compreender o modo como, nas sequências narrativas estudadas, ocorre a construção da cadeia referencial e a sua marcação linguística.

As análises desenvolvidas na terceira e última etapa se conduziram pela hipótese de que as características do gênero entrevista sociolinguística têm impacto sobre a forma como o produtor de sequências narrativas pertencentes a esse gênero realiza a ativação

e a reativação de referentes e utiliza recursos linguísticos, como pronomes, expressões nominais e elipses, para sinalizar essas operações de ativação e reativação de referentes. A expectativa, comprovada pelas análises, era a de que o grau de formalidade típico desse gênero levaria a locutora a construir a cadeia referencial, valendo-se de uma marcação mais intensa dos tópicos e da reativação de referentes mais acessíveis, a fim de diminuir os esforços de processamento por parte do interlocutor.

Neste artigo, realizaremos inicialmente uma breve caracterização do gênero de discurso entrevista sociolinguística, ao qual pertencem as sequências estudadas. Em seguida, será apresentado o corpus de análise. Posteriormente, será feita uma apresentação do referencial teórico adotado, o Modelo de Análise Modular do Discurso. Por fim, serão expostas e discutidas as três etapas da análise realizada.

Breve caracterização do gênero entrevista sociolinguística

A entrevista sociolinguística é um gênero pertencente à esfera acadêmica, já que a sua função básica é permitir a um pesquisador da área de Linguística colher dados autênticos de língua oral com fins de pesquisa e análise.

A produção de um texto pertencente a esse gênero implica a participação de pelo menos dois interlocutores. De um lado, está o entrevistador, cuja função é propor os tópicos a serem abordados. Nessa interação, o entrevistador, diferentemente das entrevistas que ocorrem em outras esferas, como a jornalística, assume o papel social de pesquisador. Do outro lado, está o entrevistado, cuja função é desenvolver os tópicos propostos pelo entrevistador. Nesse gênero, a função social assumida pelo entrevistado é a de falante de uma dada língua natural. Nesse sentido e também diferentemente do que ocorre em entrevistas televisivas, por exemplo, importa mais a forma como o entrevistado utiliza a língua/linguagem para se expressar do que propriamente suas opiniões ou sua visão de mundo acerca dos fatos tratados (BURGER, 1999; TAVARES, 2004).

Na entrevista sociolinguística, há um certo grau de formalidade. Essa formalidade se deve a alguns fatores. O primeiro deles se refere à esfera acadêmica a que esse gênero pertence e em que se constituiu.

O segundo fator responsável pela formalidade da entrevista sociolinguística está ligado ao primeiro e diz respeito à imagem que o entrevistado pode construir acerca do entrevistador. Em nossa sociedade, o papel social que este exerce, o de pesquisador, é um papel considerado de prestígio (MONDADA, 1995). O conhecimento que supostamente só o pesquisador e seus pares possuem e para o qual a fala do entrevistado será fonte de estudo pode ser um fator de inibição, que talvez leve o entrevistado a se comportar de maneira mais formal.

A formalidade da entrevista sociolinguística se deve ainda ao fato de que entrevistado e entrevistador não se conhecem. Em outros termos, entre eles, há pouca ou nenhuma intimidade, o que pode favorecer uma interação mais formal, menos espontânea (PESSOA, 2004; KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Esses três fatores responsáveis pela formalidade da entrevista sociolinguística, bem como a função própria desse gênero terão impacto sobre a estruturação da entrevista. Assim, ao contrário do que ocorre, por exemplo, em conversações espontâneas entre ami-

gos, os participantes de uma entrevista sociolinguística abordam fatos vivenciados apenas pelo entrevistado, raramente tematizam o contexto imediato em que se dá a interação e, caso os interlocutores mobilizem conhecimentos partilhados, estes serão informações introduzidas em momentos anteriores da própria entrevista ou informações compartilhadas de modo geral pelos membros da sociedade a que os interlocutores pertencem, exatamente porque estes não se conhecem ou se conhecem pouco. Como veremos no desenvolvimento das análises, essas propriedades da entrevista sociolinguística se refletem na construção de sua cadeia referencial.

A seguir, apresentaremos o *corpus* deste estudo.

Corpus de análise

Tendo em vista os objetivos deste trabalho, a análise focalizou apenas um turno produzido por uma belo-horizontina de 54 anos com 3º grau completo. Na passagem selecionada para análise, a entrevista desenvolve o tópico “infância”, já iniciado em turnos anteriores e sobre o qual a entrevistadora ainda pede esclarecimentos. A transcrição do par de turnos produzidos por entrevistadora e entrevistada segue abaixo.¹

(01) **Entrevistadora: Ah certo, i eram quantas mulheres assim, cê falou que eram dez irmãos.**

(01) Eram seis mulheres i quatro homens (02) i era interessanti pelo siguinti, (03) porque igual os homens tinha brincadera deles, (04) mais, como eu já falei, (05) agenti brincava tamém com eles, (06) agora quando igual agenti ia brincá di boneca (07) agenti num podia:: (08) agenti chamava, (09) quíria qui eles fossem pai, (10) qui batizassem i tudu, (11) mais eles não gostavam di bricá di boneca, (12) mais quando as brincaderas davam errada (13) tamém eles criticavam, (14) eles riam muito, (15) eu lembro muito minha irmã mais velha ganhou uma boneca +, (16) ela era apaxonada com uma boneca grande (17) i a minha mãe num tinha condições di comprá boneca pra todo mundu, (18) intão compró, (19) i as amigas, nossas amigas todas tinham bonecas boas, bonecas famosas, im material bom i tudu, (20) i a minha mãe num podia dá seis bonecas, (21) intão compro uma boneca di papelão pra minha irmã +, (22) só qui a boneca era muito bunita, (23) o rosto muito bem pintado, (24) e::, podia trocá as roupas dela (25) que ela tinha essa opção i tudu (26) porque os braçinhos moviam i tudu, (27) mais um dia (28) juntamos lá com otras amigas (29) pra [buscá] brincá di boneca (30) cada uma com uma boneca mais linda (31) fomos todo mundu brincá di boneca (32) i tudu qui uma fazia a otra fazia, (33) aí uma amiguinha nossa inventó di dá o banho, (34) nós tava brincanu num, (35) nós tínhamos ido num lá:: { }, (36) até existi ainda, (37) é uma área qui tem lá no hospital da baleia + (38) qui tinha água corrente, tinha as grutas qui as águas disciam, (39) i lá agenti podia i, (40) a entrada era livre, (41) num pagava, (42) intão era um lugar qui a genti ia todo final di semana pa brincá por lá, (43) i lá num tinha pirigo, (44) num passava ônibus, (45) tinha segurança (46) pur causa do hospitali (47) i tinha uns riachozinhos ondi curria uma água, (48) i aí combinamos di brincá di dá banho nas bonecas +, (49) i aí foi todo mundu (50) i ta lá naqueli processo (51) cada uma arruma o banho da sua, (52) tira a ropa (53) e aquela confusão toda (54) i foi todo mundu pru riacho dá banho nas bonecas +, (55) quando a minha irmã pôs a dela na água, (56) a dela era di papelão, (57) ela não sabia, (58) a boneca começou a dismanchá +, (59) i ela começou a chorá (60) i aqueli disispero (61) i as otras meninas com dó (62) i os meninos riam riam (63) i lá foi a boneca si disfazendu toda. (64) Issu foi uma decepção muito grandí pra ela, (65) ela choró muito, (66) mais tamém quando chego im casa qui nós comentamu, (67) contamu, (68) meu pai providenciô logo otra boneca, (69) aí já ele mesmo já num quis outra boneca di papelão +, (70) viu qui foi muita humilhação pra ela (71) i ai já deu uma boneca daqueli plástico, (72) era um material plástico, (73) mais

1 O trecho foi reproduzido da forma como está disponibilizado pelo projeto “Mineirês” (RAMOS, 2007). Apenas a numeração não consta no texto original. Ela foi por nós inserida e indica que o trecho foi segmentado em atos. O ato é a unidade mínima de análise adotada pelo modelo modular.

um material duru i bom (74) tamém do rosto muito bunitu, bem pintadu, (75) i issu foi mutivu assim di crítica dus meninos um tempo longo (76) porque toda vez qui falava das bunecas (77) a história da buneca di papelão surgia.

Para realizar a análise do turno produzido pela entrevistada, utilizamos como referencial teórico e metodológico o Modelo de Análise Modular do Discurso, modelo que apresentamos no próximo item.

Modelo de Análise Modular do Discurso

Em sua versão atual (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001; FILLIETTAZ; ROULET 2002; FILLIETTAZ, 2004; MARINHO; PIRES; VILLELA, 2007), o modelo modular constitui um instrumento de descrição e explicação da complexidade discursiva e compõe um quadro teórico e metodológico que visa a reunir, em uma mesma abordagem da complexidade da organização do discurso, as contribuições de pesquisadores que se centraram em aspectos isolados dessa organização.

Nesse modelo, identificam-se inicialmente os módulos que entram na composição dos discursos.² Na produção e na interpretação de toda forma discursiva, as informações de origem modular se interrelacionam em unidades complexas de análise, que são as formas de organização.³

Neste trabalho, a análise do modo como se dá a construção da cadeia referencial em duas sequências narrativas orais será feita a partir da combinação do estudo de duas formas de organização elementares: a sequencial e a informacional.

Na forma de organização sequencial, o objetivo é, basicamente, o de segmentar as produções discursivas nas sequências que as compõem. Para isso, essa forma de organização busca, de um lado, definir uma tipologia discursiva (narração, descrição e deliberação) que possa ser aplicada a todas as produções languageiras e, de outro, extrair as sequências (narrativas, descritivas e deliberativas) em que os tipos de discurso se atualizam.

No modelo, o tipo narrativo é definido como “o esquema de uma intervenção textual, tendo por propriedade designar uma pluralidade de acontecimentos disjuntos do mundo comum, no qual acontece o processo da comunicação” (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001, p. 316). Baseando-se nos trabalhos de Labov (1972, 1997) e Adam (1992), o modelo considera que essa pluralidade de acontecimentos se articula em uma cadeia culminativa. A hipótese dessa cadeia repousa sobre a ideia de que toda história pressupõe uma tensão entre acontecimentos desencadeadores e acontecimentos conclusivos, a qual decorre da transformação dos personagens e da situação em que se encontram inicialmente implicados. Essa cadeia se compõe dos episódios *sumário*, *estado inicial*, *complicação*, *reação (avaliação)*, *resolução* e *estado final* (FILLIETTAZ, 1999; CUNHA, 2010, 2013).

2 Nessa abordagem, considera-se que cada dimensão do discurso se constitui de módulos. Assim, a dimensão linguística se constitui dos módulos lexical e sintático; a dimensão textual se constitui do módulo hierárquico; e a dimensão situacional se constitui dos módulos interacional e referencial.

3 No modelo modular, as formas de organização são: fono-prosódica, semântica, relacional, informacional, enunciativa, sequencial, operacional, periódica, tópica, polifônica, composicional, estratégica.

Já as sequências narrativas são segmentos empíricos, que manifestam algumas propriedades do tipo narrativo. Nessa perspectiva, a definição de um tipo narrativo só se justifica na medida em que funciona como um instrumento de análise capaz de identificar as sequências narrativas presentes em discursos particulares. Em outros termos, a cadeia culminativa de acontecimentos que caracteriza o tipo narrativo deve funcionar como um meio para extrair as estruturas emergentes que constituem as sequências discursivas (ROULET; FILLIETTAZ; GROBET, 2001).

Na forma de organização informacional, estuda-se a construção da cadeia referencial, a fim de tratar a continuidade e a progressão informacionais do discurso. Mais particularmente, o objetivo é, valendo-se de contribuições de Danes (1974) e Chafe (1994), analisar a estrutura informacional de cada unidade mínima de referência (o ato), descrevendo como cada ato se ancora em uma informação previamente estocada na memória discursiva,⁴ o tópico. Nessa forma de organização, estuda-se ainda a inserção de cada ato na estrutura do discurso, com base na análise dos tipos de progressão informacional entre os atos (GROBET, 2000; CUNHA, 2008, 2009). No modelo, os tipos de progressão considerados são

- *progressão linear*: ocorre quando o tópico de um ato tem origem no propósito precedente, ou seja, quando ele tem origem na informação que acaba de ser ativada.

- *progressão com tópico constante*: ocorre quando uma sucessão de atos se ancora num mesmo tópico.

- *encadeamento à distância*: ocorre quando o tópico de um ato tem origem não no propósito que acaba de ser ativado, mas em um propósito mais distante.

A seguir, serão apresentados os resultados da análise do corpus. Inicialmente, apresentamos a análise da forma de organização sequencial. Posteriormente, apresentamos os resultados da análise da forma de organização informacional. Por fim, serão combinados os resultados das análises das formas de organização sequencial e informacional.

Análise da forma de organização sequencial

A análise da forma de organização sequencial do turno produzido pela entrevistada revelou que esse turno constitui uma grande sequência narrativa. Isso porque, do ponto de vista referencial, essa sequência narrativa atualiza uma estrutura formada por todos os episódios componentes do tipo narrativo. Assim, essa sequência, que chamamos de sequência narrativa 1, apresenta sumário (01-14), estado inicial (15-54), complicação (55-63), avaliação (64-65), resolução (66-74) e estado final (75-77).

No sumário (01-14), a locutora resume o tópico que será abordado nos episódios seguintes: “brincadeiras infantis entre os irmãos” ou, mais especificamente, “brincadeiras com bonecas entre os irmãos”. Em seguida, o estado inicial (15-54) traz informações sobre as personagens envolvidas na história (a própria narradora, suas irmãs, sua mãe, suas amigas), bem como sobre o lugar onde se passou o fato principal da narrativa (“uma área lá no Hospital da Baleia”). Após o estado inicial, a locutora narra, na complicação (55-63), o acontecimento principal da narrativa, o acontecimento que justifica a sua própria ação de narrar: ao ser colocada na água, a boneca de sua irmã mais velha desmanchou, porque era

⁴ A memória discursiva é definida como “conjunto de saberes conscientemente partilhados pelos interlocutores” (BERRENDONNER, 1983, p. 230).

feita de papelão. Depois, a locutora faz, na avaliação (64-65), um comentário, esclarecendo que esse acontecimento foi uma decepção muito grande para sua irmã. Feita avaliação, a locutora informa, na resolução (66-74), qual a consequência do acontecimento expresso na complicação: a irmã ganhou do pai outra boneca, mas agora uma boneca de plástico. No estado final (75-77), a locutora informa como tudo ficou após os acontecimentos centrais da narrativa, apresentando uma nova situação de equilíbrio.

A análise da forma de organização sequencial do turno revelou ainda que o estado inicial da sequência narrativa 1 constitui uma sequência narrativa encaixada, a qual chamamos de sequência narrativa 2. Do ponto de vista referencial, essa segunda sequência se constitui dos episódios estado inicial 1 (15-26), complicação 1 (27-33), estado inicial 2 (34-47), complicação 2 (48-53), resolução (54).

No estado inicial 1 (15-26), são informados os personagens que vão participar da história (a própria narradora, suas irmãs, sua mãe, suas amigas). Depois, vem a complicação 1 (27-33), episódio no qual é revelado o acontecimento central dessa narrativa encaixada: quando as meninas brincavam, uma delas inventou de dar banho nas bonecas. Após essa complicação, um segundo estado inicial (34-47) descreve o local da brincadeira: “uma área lá no Hospital da Baleia”. Depois desse estado inicial 2, que funciona como uma espécie de parênteses, a locutora dá sequência à complicação 1, informando, na complicação 2 (48-53), como se desenrolou o processo da brincadeira de dar banho nas bonecas. Finalmente, a resolução (54) informa o final desse processo, que foi a ida de todos para o riacho. Essa resolução é a etapa que antecede imediatamente a complicação da sequência 1, em que se encaixa toda essa sequência 2.

O processo de encaixamento da sequência 2 no interior da sequência 1 pode ser representado por meio do seguinte esquema:

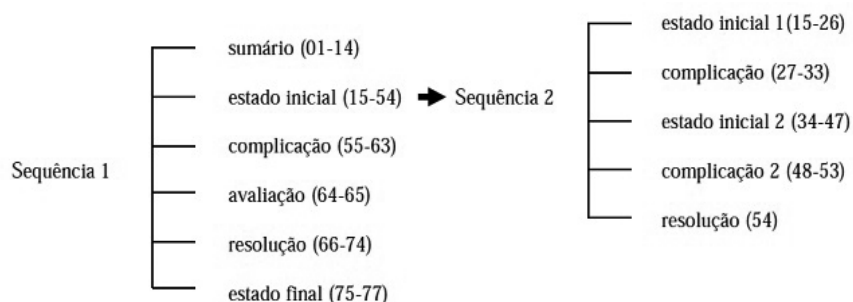


Figura 1. Processo de encaixamento da sequência 2 na sequência 1

Análise da forma de organização informacional

Por motivo de espaço, não apresentaremos a análise completa da estrutura informacional de todo o turno produzido pela locutora. Abordaremos apenas os aspectos que nos pareceram mais relevantes.

Nesse turno, há uma grande concentração de traços tópicos, que são as marcas linguísticas, como expressões nominais e pronomes, que fazem referência ao tópico do ato em que ocorrem. Do ponto de vista quantitativo, verificou-se que 57 dos 77 atos do

turno apresentam alguma marca linguística remetendo ao tópico. Essa marcação intensa pode ser ilustrada com a parte inicial do turno.⁵

Quadro 1: estrutura informacional (atos 01-11)

(01) Eram seis mulheres i quatro homens [irmãos]	Progressão linear
(02) (irmãos) i era interessanti pelo siguinti,	Tópico constante
(03) porque igual os homens [irmãos] tinha brincadera deles ,	Tópico constante
(04) (agenti brincava tamém com eles) mais, como eu já falei,	Encadeamento à distância
(05) agenti [agenti – seis irmãs] brincava tamém com eles,	Tópico constante
(06) agora quando igual agenti ia brincá di buneca	Tópico constante
(07) agenti num podia::	Tópico constante
(08) agenti chamava,	Tópico constante
(09) (agenti) quiria qui eles fossem pai,	Tópico constante
(10) (agenti quiria) qui batizassem i tudu,	Tópico constante
(11) mais eles [irmãos] não gostavam di bricá di buneca,	Progressão linear

Em todo o turno, a locutora mobiliza uma grande quantidade de marcas, cuja função é permitir à interlocutora identificar o tópico do ato. Em outros termos, essas marcas têm como função guiar a interlocutora em seu processo interpretativo. Assim, no trecho acima, as várias ocorrências da expressão pronominal “agenti”, de pronomes como “eles” e “deles” e de expressões nominais como “os homens” e “seis mulheres i quatro homens” permitem a compreensão de que os atos em que ocorrem se referem a objetos de discurso previamente estocados na memória discursiva.

A relevância desse resultado está em fornecer uma evidência que contesta a hipótese de que na linguagem oral o locutor não se preocuparia em explicitar os referentes mobilizados, por serem estes facilmente acessíveis ao interlocutor. Na verdade, a necessidade de explicitação de referentes parece decorrer mais das condições de produção do texto do que da modalidade (oral ou escrita) do texto.

Quanto ao tipo de progressão informacional, verificou-se que dos 77 atos 18 se ligam ao tópico por progressão linear, 20 por encadeamento à distância e 39 por tópico constante. Dessa forma, no turno analisado, há um predomínio de progressão por tópico constante, que ocorre quando uma série de atos se ancora em um mesmo tópico. Ou seja, nesse tipo de progressão, o locutor trata de um mesmo tópico em todos os atos, acrescentando informações a ele, como se verifica neste trecho:

5 Esse quadro apresenta o resultado da análise informacional de um texto. Na coluna esquerda, os atos são numerados e os traços que verbalizam o tópico são apresentados em negrito; o tópico assim verbalizado aparece entre colchetes, depois do traço. Quando o tópico é implícito, ou seja, não verbalizado por traço tópico, ele aparece entre parênteses, no início do ato. Na coluna direita, são apresentadas as progressões informacionais que ligam os atos aos seus tópicos.

Quadro 2: estrutura informacional (atos 35-47)

(35) nós tínhamos ido num lá:: { },	Tópico constante
(36) (lá) até existi ainda,	Progressão linear
(37) é uma área [lá] qui tem lá no hospital da baleia +	Tópico constante
(38) qui [uma área] tinha água corrente, tinha as grutas qui as águas disciam,	Tópico constante
(39) i lá agenti pudia i,	Tópico constante
(40) a entrada era livre,	Tópico constante
(41) (a entrada da área) num pagava,	Tópico constante
(42) intão era um lugar [uma área] qui a genti ia todo final di semana pa brincá por lá ,	Tópico constante
(43) i lá num tinha pirigo,	Tópico constante
(44) (uma área) num passava ônibus,	Tópico constante
(45) (uma área) tinha segurança	Tópico constante
(46) (lá tinha segurança) pur causa do hospitali	Tópico constante
(47) (uma área) i tinha uns riachozinhos ondi curria uma água,	Tópico constante

Nesse trecho, o local onde se passou a brincadeira (“uma área lá no Hospital da Baleia”) é o tópico. A esse tópico a locutora acrescenta uma série de informações que têm como fim caracterizar o local.

O predomínio de progressão por tópico constante se explica pelo fato de que, ao narrar fatos de sua vida, a locutora não propõe mudanças radicais de tópicos. Essa estratégia de construção textual é eficaz, porque, como a locutora aborda fatos não vivenciados pela interlocutora, a progressão por tópico constante trata de informações facilmente acessíveis a esta, o que permite a reconstrução adequada da cadeia referencial proposta.

Combinando as análises das formas de organização sequencial e informacional

Essa etapa da análise combina os resultados das análises sequencial e informacional, apresentadas nos itens anteriores, a fim de verificar como se dá o processo de construção da cadeia referencial no interior das duas sequências identificadas. Essa etapa se guiou por algumas questões, cujas respostas somente poderiam ser alcançadas mediante a combinação das análises efetuadas anteriormente. Essas questões são:

- quais e quantos tipos de progressão há dentro de cada episódio?
- quantos traços tópicos há no interior de cada episódio?
- no interior de cada episódio, quantos traços tópicos são expressões referencialmente plenas e quantos são expressões referencialmente vazias?

A continuação deste item tem como fim oferecer respostas a essas questões.

Quais e quantos tipos de progressão há dentro de cada episódio?

No interior de cada episódio das sequências 1 e 2, verificou-se o predomínio da progressão por tópico constante. O predomínio de progressão por tópico constante no interior de cada episódio se explica pelo fato de que dentro de um episódio não costuma haver mudanças radicais de tópicos, e o locutor costuma tratar de informações facilmente acessíveis ao interlocutor.

A única exceção foi a complicação da sequência 1, que exibiu uma quantidade elevada de encadeamentos à distância, que é quando o tópico de um ato tem origem não no ato precedente, mas em um ato mais distante. Entretanto, em muitas ocorrências desse tipo de encadeamento na complicação, esses encadeamentos são bastante locais, isto é, as informações que funcionam como tópicos têm origem em atos localizados dentro do próprio episódio. Exemplo:

Quadro 3: estrutura informacional (atos 55-59)

(55) quando a minha irmã [minha irmã mais velha] pôs a dela na água,	Encadeamento à distância
(56) a dela [boneca] era di papelão,	Progressão linear
(57) ela [minha irmã mais velha] não sabia,	Progressão linear
(58) a boneca começou a dismanchá +,	Encadeamento à distância
(59) i ela [minha irmã mais velha] começou a chorá	Encadeamento à distância

Nesse trecho, que é parte da complicação da sequência 1, os atos (58) e (59) se ligam aos tópicos por encadeamento à distância, mas esses tópicos têm origem em atos muito próximos, (56) e (57) respectivamente.

Quantos traços tópicos há no interior de cada episódio?

Nas sequências narrativas estudadas, há uma grande concentração de traços tópicos em cada episódio. Na sequência narrativa 1, verificamos o seguinte resultado: sumário (11 traços em 14 atos), estado inicial (30 traços em 40 atos), complicação (9 traços em 9 atos), avaliação (2 traços em 2 atos), resolução (3 traços em 9 atos), estado final (2 traços em 3 atos).

Na sequência 2, os resultados são: estado inicial 1 (10 traços em 12 atos), complicação 1 (5 traços em 7 atos), estado inicial 2 (9 traços em 14 atos), complicação 2 (5 traços em 6 atos), resolução (1 traço em 1 ato).

Como exposto na análise da organização informacional, esses resultados contrariam a crença de que na linguagem oral o locutor não se preocupa em explicitar os referentes mobilizados, por serem estes facilmente acessíveis pelo interlocutor.

Na entrevista, a locutora fala de uma situação não vivenciada pela interlocutora e não tematiza o contexto imediato em que se dá a interação. Por esse motivo, a locutora não pode contar com conhecimentos da ouvinte sobre a situação narrada. Essa propriedade interacional da entrevista sociolinguística é a responsável pelo uso intenso de marcas ou traços remetendo aos tópicos de cada ato.

No interior de cada episódio, quantos traços tópicos são expressões referencialmente plenas e quantos são expressões referencialmente vazias?

Na sequência narrativa 1, não se verificou o predomínio no uso de expressões referenciais plenas (expressões nominais) ou vazias (pronomes).⁶ Nela, 29 traços são expressões plenas e 28 são expressões vazias.

Na sequência narrativa 2, também verificou-se um equilíbrio no uso de expressões referenciais plenas e vazias. Nessa sequência, 17 traços são expressões plenas e 13 são expressões vazias.

Esse resultado contraria uma hipótese sobre a linguagem oral: a de que nessa modalidade usam-se mais expressões vazias do que plenas, tendo em vista a quantidade de conhecimentos compartilhada entre os interlocutores, permitindo ao locutor usar pronomes como traços tópicos por ser o referente facilmente recuperável pelo interlocutor.

Mais uma vez, o uso mais ou menos intenso de expressões referenciais plenas ou vazias tem a ver mais com as condições de produção do texto do que com a modalidade (oral ou escrita) do texto. Como foi dito, na entrevista, as interlocutoras se conhecem pouco, e a locutora conta uma história não vivida pela interlocutora, o que explica esse equilíbrio no uso de expressões referenciais plenas e vazias.

Considerações finais

Na etapa final da análise, a combinação dos resultados obtidos nas duas primeiras possibilitou extrair as observações a seguir sobre o processo de construção da cadeia referencial nas sequências narrativas estudadas.

Sobre as progressões informacionais, os encadeamentos no interior de cada episódio das sequências são bastante locais, ainda quando há encadeamentos à distância. Nesses encadeamentos, os atos não se ancoram em tópicos ativados em atos mais distantes, localizados em outros episódios. A proximidade entre o ato e o tópico explica o predomínio dos encadeamentos com tópico constante nas duas sequências.

No interior de cada episódio das sequências narrativas, verificou-se a marcação intensa dos tópicos, facilitando a reconstrução da cadeia referencial por parte da interlocutora. Além disso, não se verificou um predomínio do uso de expressões referenciais plenas ou vazias.

Esses resultados são importantes, porque relativizam algumas “crenças” acerca da língua oral. Conforme apontado já há alguns anos por Marcuschi (2001), os gêneros de discurso se distribuem ao longo de um contínuo, que leva em conta os graus de formalidade de uso da língua e as condições de produção dos textos e não a modalidade escrita ou falada. Assim, tanto na modalidade oral quanto na escrita, existem gêneros mais ou menos formais, o que se reflete na linguagem empregada.

No gênero entrevista sociolinguística, as propriedades de suas condições de produção (a finalidade do gênero, a esfera acadêmica a que pertence, os papéis sociais dos interlocutores, etc.) são as responsáveis, em grande medida, pela forma como a produtora

⁶ A distinção entre expressões plenas e vazias se refere à carga semântica do nome-núcleo dessas expressões. Enquanto nas expressões plenas esse nome apresenta um “conteúdo descritivo denso”, nas expressões vazias esse nome apresenta um “conteúdo descritivo fraco” (GROBET, 1996, p. 84).

da “história da boneca di papelão” constrói a cadeia referencial ao longo dos episódios das sequências narrativas.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

BERRENDONER, A. “Connecteurs pragmatiques” et anaphore. *Cahiers de linguistique française*, v. 5, p. 215-246, 1983.

BURGER, M. Identités de status, identités de role. *Cahiers de linguistique française*, v. 21, p. 35-59, 1999.

CHAFE, W. L. *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago: Chicago University Press, 1994.

CUNHA, G. X. *A construção da narrativa em reportagens*. 2013. 601f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. A atuação de sequências do tipo narrativo em um texto jornalístico impresso. *Revista do GEL*, São Paulo, v. 7, p. 202-219, 2010.

_____. O tratamento do tópico em uma perspectiva modular da organização do discurso. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, p. 125-135, 2009.

_____. *O sequenciamento de textos como estratégia discursiva: uma abordagem modular*. 2008. 250f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DANEŠ, F. Functional sentence perspective and the organization of the text. In: _____. (Ed.). *Papers on functional sentence perspective*. Praga: Mouton, 1974. p. 106-128.

FILLIETTAZ, L. Négociation, textualisation et action: le concept de négociation dans le modèle genevois de l’organisation du discours. In: GROSJEAN, M.; MONDADA, L. (Org.) *La négociation au travail*. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2004. p. 69-96.

_____. Une approche modulaire de l’hétérogénéité compositionnelle du discours: Le cas des récits oraux. *Cahiers de linguistique française*, v. 21, p. 261-327, 1999.

FILLIETTAZ, L.; ROULET, E. The Geneva Model of discourse analysis: an interactionist and modular approach to discourse organization. *Discourse Studies*, n. 4, v. 3, p. 369-392, 2002.

GROBET, A. *L’identification des topiques dans les dialogues*. 2000. 513f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Genebra, Genebra.

_____. Phénomènes de continuité: anaphoriques et traces de points d’ancrage. *Cahiers de linguistique française*, v. 18, p. 69-93, 1996.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: _____. *Language in the inner city: studies in the black english vernacular*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Some further steps in narrative analysis. *Journal of narrative and life history*, v. 7, p. 395- 415, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. O.; VILLELA, A. M. N. (Org.) *Análise do discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: Cefet-MG, 2007.

MONDADA, L. La construction discursive des objets de savoir dans l’écriture de la science. *Réseaux*, v. 71, 1995.

PESSOA, F. C. *As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer contar as narrativas populares da Amazônia Paraense*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

RAMOS, J. M. *Corpus do Dialeto Mineiro: textos orais; textos escritos dos séculos XVIII, XIX e XX*. Belo Horizonte: UFMG/Fapemig/CNPq/Núcleo de Pesquisa em Variação Linguística, 2007 (versão eletrônica).

ROULET, E.; FILLIETTAZ, L.; GROBET, A. *Un modèle et un instrument d’analyse de l’organisation du discours*. Berne: Lang, 2001.

TAVARES, M. A. *Então* inferidor como marca de constituição de subjetividade e de instanciação de sentidos na entrevista sociolinguística. *DELTA*, São Paulo, v. 20, p. 77-95, 2004.